

FUVEST 2027

OBRAS OBRIGATÓRIAS

por Crís Oliveira

Resumão das obras obrigatórias da FUVest 2027!



A **Fuvest** é um dos vestibulares mais concorridos e exigentes do país. Mais do que cobrar memorização de enredos, **o exame avalia sua capacidade de interpretar, relacionar contextos históricos e reconhecer recursos de linguagem.**

Por isso, ler apenas resumos e comentários críticos não é suficiente: **a leitura integral das obras indicadas é o que garante repertório consistente, maturidade interpretativa e segurança** na hora de enfrentar as questões de Língua Portuguesa, quer sejam objetivas, quer sejam discursivas. Além disso, as obras servem, por si só, como repertório legitimado, com produtividade e aproveitamento. Vale, portanto, investir tempo na leitura delas.

Resumos como este servem para organizar ideias, revisar conteúdos e destacar pontos-chave, mas nunca substituem o contato direto com o texto literário.

Para aprofundar a leitura dessas obras com análises de personagens, estrutura, temas, questões comentadas e conexões com temas de redação, vale recorrer aos nossos materiais de apoio.

O **nosso site** oferece e-books, cursos e conteúdos que esmiúçam cada uma dessas obras, ajudando você a consolidar o estudo e a **transformar leitura em repertório sólido para a Fuvest.**



OPÚSCULO HUMANITÁRIO – NÍSIA FLORESTA

Publicado em 1853, no Rio de Janeiro, **Opúsculo Humanitário** reúne 62 artigos em que Nísia Floresta defende a educação feminina como força motriz de transformação social no Brasil imperial. Inserida em uma sociedade patriarcal e escravocrata, em que às mulheres se restringia o espaço doméstico e se negava quase toda forma de instrução, Nísia, pioneira do feminismo brasileiro, compila textos antes publicados em jornais como o Diário do Rio de Janeiro e O Liberal, intervindo em debates sobre moral, progresso e civilização.

A obra é formada por ensaios curtos e diretos, que podem ser lidos isoladamente, mas convergem para a mesma tese: a educação plena das mulheres combate a submissão patriarcal e impulsiona o desenvolvimento moral e intelectual da nação. Nísia critica a formação elitista das meninas, acostumadas ao ócio e à dependência de mulheres escravizadas, o que as torna frágeis e incapazes de cuidar até de tarefas simples, levando a adoecimentos físicos e emocionais. Em oposição a essa educação de aparências, ela valoriza a virtude e o saber como bens duradouros, recorrendo a metáforas como a do “terreno fértil inculto” para representar o desperdício de potencial feminino.

A igualdade de gênero atravessa a obra: a suposta inferioridade da mulher é tratada como construção social, reversível por meio da instrução. Educadas de forma ampla – com estudos intelectuais, exercícios físicos, passeios e trabalhos úteis –, as mulheres se tornariam melhores mães, esposas e cidadãs atuantes. Ao mesmo tempo, Nísia amplia seu humanitarismo para além da questão feminina: defende negros e indígenas, condena a escravidão e associa a opressão das mulheres ao atraso cultural do país. Critica pais que priorizam o luxo material em detrimento da formação ética das filhas e alerta para riscos morais ligados à ignorância e à fragilidade espiritual. Com isso, Opúsculo Humanitário consolida Nísia como precursora do feminismo e da crítica social no Brasil, dialogando diretamente com discussões contemporâneas sobre educação, direitos humanos e equidade.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



NEBULOSAS – NARCISA AMÁLIA

Publicado em 1872, **Nebulosas** é o único livro de poemas de Narcisa Amália e marca sua atuação como pioneira da poesia feminina no Brasil imperial. Aos 20 anos, em pleno Segundo Reinado, a autora rompe a hegemonia masculina na literatura, dialogando com o Romantismo brasileiro – especialmente com a estética ultrarromântica – ao mesmo tempo em que introduz uma dimensão de crítica social pouco explorada na lírica da época.

A coletânea reúne 44 poemas divididos em três partes, organizados em torno da imagem das “nebulosas”: formações cósmicas que, no imaginário do século XIX, simbolizavam tanto o fascínio científico quanto o caos criador. Na primeira parte, predominam poemas intimistas, marcados por melancolia, desilusão amorosa, idealização do passado e desejo de fuga, inclusive pela morte. O eu lírico feminino projeta na natureza – luas, ondas, jardins – um reflexo da alma atormentada, combinando métrica tradicional (redondilhas e decassílabos) com forte musicalidade.

A partir da segunda parte, o intimismo se abre ao engajamento político. Narcisa aproxima-se da Geração Condoreira, homenageia Castro Alves, dá voz ao sujeito escravizado e celebra elementos da cultura africana, antecipando a luta abolicionista e simpatizando com ideais republicanos. Ao tratar da condição feminina, recorre a metáforas de prisão para expressar o cerceamento de mulheres por casamentos opressivos e padrões patriarcais, dialogando com experiências pessoais de desilusão conjugal.

O diferencial de *Nebulosas* está justamente nessa fusão entre lirismo romântico e denúncia social: uma voz feminina sensível e erudita que, em pleno século XIX, reivindica liberdade individual, equidade de gênero e justiça racial, posicionando a poesia como forma de resistência.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



MEMÓRIAS DE MARTHA – JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Primeiro romance de Júlia Lopes de Almeida, **Memórias de Martha** foi publicado inicialmente em folhetins (1888–1889) e reunido em livro em 1899. Em tom memorialista e realista, a narrativa acompanha a vida de Martha, mulher pobre do Rio de Janeiro pós-abolição, expondo as marcas persistentes do patriarcado e da desigualdade social em um país formalmente livre da escravidão, mas ainda profundamente excludente.

Narrado em primeira pessoa, o romance apresenta a trajetória de Martha da infância à maturidade. Após o pai ser injustamente acusado de roubo pelos patrões, a família perde sua estabilidade e passa a viver em um cortiço precário. A mãe, também chamada Martha, torna-se engomadeira e costureira para sustentar a filha, enfrentando humilhações e jornadas exaustivas. A protagonista dedica-se aos estudos na esperança de ascender socialmente, mas a precariedade material e emocional alimenta seu nervosismo, pessimismo e fragilidade física.

Na adolescência, Martha se apaixona por Luiz, mas o desencontro entre suas condições sociais corrói a ilusão. Pressionada pela mãe, que vê no casamento a única forma de segurança para a filha, ela se casa com Miranda, homem estável, porém desprovido de paixão. O clímax se dá na morte da mãe, cena que condensa o sacrifício feminino e a resignação diante de uma estrutura social que limita radicalmente as escolhas de mulheres pobres.

Entre os temas centrais estão: a desigualdade social e racial (o cortiço como espaço de tensões de classe e cor), o patriarcado (casamento como forma de contenção e dependência), a educação como possibilidade de emancipação – embora insuficiente para romper todas as barreiras – e a saúde mental, expressa na melancolia e ansiedade de Martha. Com linguagem sóbria e atenção ao cotidiano – fofocas, trabalhos domésticos, hipocrisia burguesa –, Júlia Lopes constrói um retrato contundente do subproletariado feminino urbano, antecipando preocupações naturalistas e feministas na literatura brasileira.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



CAMINHO DE PEDRAS – RACHEL DE QUEIROZ

Publicado em 1937, **Caminho de Pedras** situa-se no contexto do segundo modernismo brasileiro e aborda a resistência política e pessoal durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Rachel de Queiroz, que tivera militância comunista e depois se afastara do PCB, constrói um romance que combina crítica ao autoritarismo, reflexão sobre as contradições da esquerda e a busca de emancipação feminina em meio a uma sociedade patriarcal.

O enredo gira em torno de Noemi, casada com João Jaques – ex-militante desiludido – e mãe de um menino conhecido como Guri. A rotina de um casamento infeliz se altera com a chegada de Roberto, jornalista idealista que retorna a Fortaleza após exílio no Rio, perseguido por sua atuação política. Enquanto Roberto tenta organizar trabalhadores e articular a militância comunista, Noemi se aproxima tanto de suas ideias quanto de sua figura, iniciando um envolvimento amoroso que desafia os papéis tradicionais de esposa e mãe.

Em meio a panfletagens clandestinas, reuniões secretas e perseguições policiais, o triângulo amoroso é atravessado por tragédias: a morte de Guri e a prisão de Roberto. Grávida, Noemi também é detida, mas libertada em razão de sua condição. O romance culmina na imagem simbólica de Noemi subindo uma ladeira de pedras, tropeçando, porém seguindo adiante – metáfora do “caminho árduo” da liberdade política, afetiva e sexual.

Os temas centrais incluem a oposição ao regime varguista, a militância permeada por idealismo e desilusão, a luta de classes e, sobretudo, a emancipação feminina. Noemi deixa de ser figura submissa para se tornar agente de sua própria história, ainda que a um custo alto. A narrativa em terceira pessoa, com forte aprofundamento psicológico, privilegia a introspecção e a dimensão urbana, marcando uma inflexão na obra de Rachel: menos regionalista e mais voltada a conflitos ideológicos e subjetivos. *Caminho de Pedras* destaca-se, assim, como um romance erótico-político que antecipa debates sobre feminismo e crítica ao autoritarismo.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



A PAIXÃO SEGUNDO G.H. – CLARICE LISPECTOR

Publicado em 1964, **A Paixão Segundo G.H.** é um dos romances mais radicais de Clarice Lispector. Em vez de privilegiar um enredo externo, a autora aprofunda a experiência interior de uma mulher anônima, G.H., que atravessa uma crise existencial extrema após um encontro aparentemente banal com uma barata no quarto de empregada de seu apartamento.

G.H., escultora de classe média alta, decide limpar o quarto de Janair, a antiga empregada. Lá encontra paredes brancas desenhadas e, ao abrir um armário, depara-se com uma barata. Em um gesto impulsivo, esmaga o inseto com a porta e observa, com horror e fascínio, a massa branca que escapa do corpo do animal. O nojo inicial se converte em uma espécie de atração mística, até que G.H. leva à boca um pouco daquela matéria, desencadeando uma experiência de desintegração do “eu” e de contato com uma dimensão neutra e impessoal da vida.

A “paixão” do título remete tanto ao sofrimento extremo quanto a uma espécie de via-crúcis espiritual. Ao longo da narrativa em fluxo de consciência, G.H. questiona sua identidade, sua posição de classe, sua humanidade e suas representações de Deus. A barata assume papel simbólico, funcionando como ponte para uma percepção da existência anterior a qualquer forma, linguagem ou moralidade – um “neutro” que dissolve certezas e hierarquias.

Temas como crise do sujeito, misticismo, relação com o corpo, classe social e o limite da linguagem atravessam a obra. Clarice constrói uma prosa densa, repetitiva, cheia de interrupções e retomadas, que simula a dificuldade de nomear o indizível. Há pouquíssima ação externa: o verdadeiro “acontecimento” é interior e se dá na forma de revelação e colapso. Ao fim, G.H. sai transformada dessa experiência-limite, incapaz de retomar a vida anterior como se nada tivesse acontecido. O romance foi recebido como obra hermética, mas hoje é considerado referência para a literatura filosófica e para a escrita feminina de cunho introspectivo.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



GEOGRAFIA – SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Publicado em 1967, **Geografia** é um livro de poemas da autora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, que combina a contemplação de paisagens concretas com a exploração de espaços interiores e espirituais. Em plena ditadura salazarista, Sophia reafirma sua postura ética e antiautoritária por meio de uma poesia de limpidez formal e intensa carga simbólica.

A obra organiza-se em sete partes, que percorrem cenários como praias do Algarve, ilhas gregas, o Golfo de Corinto, a cidade de Brasília e paisagens mais íntimas e subjetivas. Os poemas, em geral curtos e concisos, apresentam imagens recorrentes de mar, luz, pedra, deserto, vento e céu, compondo uma espécie de “mapa” da relação entre o eu lírico e o mundo. Nomear os lugares é, para a poeta, um ato quase criador: ao nomeá-los, ela reinscreve o mundo em uma ordem de sentido.

Entre os principais temas estão a natureza como espaço de pureza e revelação, em contraste com a cidade opressiva; a memória da infância como reino pessoal de plenitude; e o diálogo com a mitologia e a história, especialmente a grega. A lembrança da Grécia assume papel central: seus deuses, paisagens e ruínas surgem como fonte de medida e harmonia, contraponto a um presente político sombrio. No poema “Brasília”, por exemplo, Sophia elogia a racionalidade e a poesia da arquitetura planejada, aproximando a capital brasileira de ideais clássicos de forma justa e equilíbrio.

O estilo de Sophia em *Geografia* privilegia a clareza: versos enxutos, metáforas precisas, ritmo musical controlado. A aparente simplicidade esconde uma profundidade filosófica, em que o contato com a matéria – areia, pedra, água – conduz a uma experiência de fusão com o cosmos. Assim, a “geografia” traçada pela obra é, ao mesmo tempo, física e existencial: mapear o mundo é também mapear o próprio ser.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



BALADA DE AMOR AO VENTO – PAULINA CHIZIANE

Lançado em 1990, **Balada de Amor ao Vento** é o romance de estreia de Paulina Chiziane, considerada a primeira grande romancista moçambicana. A obra se passa em aldeias do sul de Moçambique e acompanha, em tom memorialístico, a trajetória de Sarnau, mulher que, ao narrar seu passado, expõe as contradições entre amor, poligamia e opressão feminina em um contexto atravessado por tradições locais e heranças coloniais.

Na juventude, durante uma festa de circuncisão em Mambone, Sarnau apaixona-se por Mwando, estudante urbano idealista. À beira do rio Save, vivem um amor intenso, selado simbolicamente pelo sangue menstrual de Sarnau, que se mistura à água do rio, marcando um pacto de união. No entanto, Mwando abandona a jovem para casar-se com outra mulher escolhida por sua família e parte para trabalhar na África do Sul. Grávida e rejeitada, Sarnau tenta o suicídio, perde o filho e, após ser resgatada, vê sua vida ser redirecionada quando Niga, futuro régulo (chefe tradicional), se apaixona por ela e a toma como primeira esposa.

A condição de primeira esposa lhe confere prestígio, mas não a livra da violência e da humilhação. O harém de Niga cresce com a chegada de novas esposas, em especial Pat, a favorita, que passa a rivalizar com Sarnau e a rebaixá-la. A protagonista sofre agressões físicas e psicológicas e, com o tempo, questiona a lógica da poligamia, segundo a qual o casamento é um “pilão” que tritura a mulher para benefício dos outros. Em um movimento de resistência, Sarnau decide romper com essas amarras, reencontra Mwando – agora pobre e arrependido – e, já reconhecida como “rainha” de si mesma, recusa a reconciliação.

O romance tematiza a poligamia, o machismo, a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, além de rituais e crenças ancestrais. Com forte oralidade, metáforas ligadas à natureza e passagens de erotismo sutil, Paulina Chiziane reinterpreta tradições bantu a partir de uma perspectiva crítica e feminina, expondo as dores e a força das mulheres em sociedades marcadas tanto pelo patriarcado quanto pelo legado colonial.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE – CONCEIÇÃO EVARISTO

Publicado em 2018, **Canção para Ninar Menino Grande** insere-se na estética da “escrivência” de Conceição Evaristo – isto é, uma escrita ancorada nas vivências de mulheres negras e periféricas. O romance examina a masculinidade negra em contexto de periferia urbana, destacando tanto suas vulnerabilidades quanto os comportamentos tóxicos que atingem sobretudo as mulheres ao redor.

O protagonista é Fio Jasmim, assistente de maquinista de trens, trabalhador dedicado e sedutor compulsivo. Ainda na infância, ele sofre um trauma: perde o papel de príncipe em uma peça escolar por ser negro, internalizando uma sensação de desvalia. Na vida adulta, casa-se com Pérola Maria, mas multiplica relações extraconjugais: envolve-se com várias mulheres, sem revelar que é casado, e vai deixando um rastro de promessas não cumpridas, gravidezes, frustrações e, em alguns casos, tragédias – como a de Angelina Devaneia, que se suicida após ser abandonada.

A narrativa é conduzida em primeira pessoa do plural por um coro de mulheres que, juntas, contam a história de Fio e de si mesmas. Esse “nós” coletivo expressa a “dororidade” – solidariedade na dor – de mulheres negras que, ao mesmo tempo em que amam, também denunciam a violência afetiva que sofrem. Fio não é retratado como monstro caricatural, mas como “menino grande”: um homem adulto emocionalmente imaturo, que busca afirmação em conquistas amorosas, reproduzindo estruturas machistas com as quais também sofre, devido ao racismo e às expectativas sociais.

Ao longo da obra, elementos de realismo fantástico – sonhos, visões, presenças ancestrais – atravessam o cotidiano periférico, conferindo uma dimensão espiritual às experiências narradas. O encontro final de Fio com Eleonora Distinta, mulher lésbica que se torna sua amiga sem entrar em sua lógica sedutora, abre espaço para a possibilidade de um olhar mais crítico e humanizado sobre si mesmo. Com linguagem marcada pela oralidade, neologismos e ritmo de cantiga, Conceição Evaristo constrói uma “canção de ninar” irônica: um canto que, em vez de embalar o conforto masculino, desperta consciência e questionamento.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



A VISÃO DAS PLANTAS – DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Lançado em 2019, **A Visão das Plantas** é um romance breve que reimagina, de forma poética e fragmentária, a figura de um antigo capitão de navio negreiro no fim da vida. A autora, angolana radicada em Portugal, revisita a memória colonial portuguesa, articulando temas como culpa, esquecimento, violência histórica e a aparente indiferença da natureza diante das ações humanas.

O protagonista, Celestino, vive isolado em Portugal, dedicado a um jardim que cultiva com devoção. Ele rega, poda, observa o ciclo de insetos, borboletas, folhas e flores, enquanto recordações dispersas de seu passado como pirata e capitão negreiro emergem em flashes: tumultos nos porões do navio, travessias transatlânticas, gritos abafados, a voz distante da mãe. As mesmas mãos que um dia estiveram manchadas de sangue agora se cobrem de terra fértil. Nesse contraste entre o horror do passado e a serenidade aparente do presente, instala-se o paradoxo central do livro.

As plantas, que “sabem tudo” mas não julgam, funcionam como testemunhas silenciosas das violências coloniais. O jardim torna-se metáfora de uma tentativa de expiação ou reconciliação, ao mesmo tempo em que revela o limite dessa busca: a natureza cresce indiferente à moral humana. O romance não oferece respostas fáceis nem discursos panfletários; em vez disso, apresenta cenas e sensações que convidam o leitor a preencher as lacunas e a refletir sobre as continuidades entre passado e presente.

A escrita de Djaimilia é concisa, lírica e intensamente sensorial: frases curtas, imagens de terra revolvida, sons de enxadas, transformações microscópicas no jardim. O enredo linear cede espaço a um fluxo de memória e observação, aproximando o texto de uma meditação sobre o tempo, a velhice e a responsabilidade histórica. *A Visão das Plantas* consolida a autora como uma das vozes mais sofisticadas na ficção de língua portuguesa contemporânea, especialmente no tratamento literário do legado colonial.

© Créditos: Imagem gerada por Inteligência Artificial, Gemini, 2026.



SOBRE A AUTORA

Cris Oliveira é daquelas mulheres que transformam palavras em potência. Educadora, empreendedora, comunicadora — ela é a mente e o coração por trás da Cris Oliveira - Tudo de Texto - Soluções Educacionais e para a Escrita, uma empresa que, desde 2014, vem revolucionando a forma como milhares de pessoas se relacionam com a escrita.

Com uma trajetória marcada pela coragem de criar e inovar, Cris Oliveira construiu uma plataforma de conhecimento acessível, afetiva e altamente eficaz. Seu trabalho vai muito além do ensino tradicional: ela forma sujeitos pensantes, afia vozes, prepara futuros. Já são mais de duas décadas e meia ensinando Língua Portuguesa, Literatura e Redação, com uma paixão que atravessa salas de aula, vídeos, livros, cursos e mentorias.

Sim, muitos a chamam de “a professora de redação”. Mas Cris Oliveira é mais: é uma mulher que lidera, que empreende, que abre espaço onde antes faltava representatividade. Ela é a voz firme que ensina a encontrar a própria voz - em um vestibular, em um concurso, em uma reunião, ou em um texto que muda vidas.

Graduada em Letras, com diversas pós-graduações em áreas como Design Instrucional, Produção Textual e Neurociência para a Educação, fez recentemente MBA em Digital Business pela USP/Esalq, ampliando ainda mais sua visão estratégica. O que antes era apenas paixão por ensinar, virou missão de vida e modelo de negócio: uma mulher à frente, levando outras e outros consigo.

Já esteve em grandes corporações como Bosch, BMW, Voith e Mercedes Benz, ensinando comunicação oral e escrita e formando profissionais com excelência. Participou da criação de provas, escreveu livros, corrigiu redações - viveu, por dentro, os bastidores das grandes avaliações do país.

É com essa bagagem que te fazemos esse convite: venha aprender a se comunicar com clareza, confiança e autenticidade. Porque em tempos de inteligência artificial, o que nos diferencia é a alma que colocamos em cada palavra. Escrever bem tem que ser para todo mundo.



Cris Oliveira®

TUDO DE TEXTO

SOLUÇÕES EDUCACIONAIS
E PARA A ESCRITA

Treinamentos
Educação Digital
Português e Redação
Concursos e Vestibulares
Produção de Materiais Didáticos Digitais

CONTATOS



tudodetexto.com.br/



[@crisoliveira.tudodetexto](https://www.instagram.com/crisoliveira.tudodetexto)



[@crisoliveira.tudodetexto](https://www.youtube.com/c/crisoliveira.tudodetexto)



[.\(11\) 99152-6910](https://api.whatsapp.com/send?phone=5511991526910)



[@crisoliveira.tudodetexto](https://www.facebook.com/crisoliveira.tudodetexto)



[@cristudodetexto](https://www.linkedin.com/company/cristudodetexto)



crisoliveira@tudodetexto.com.br